



Três irmãs

Poemas inéditos^{*}

GILBERTO MENDONÇA TELES

Nasceu em Bela Vista de Goiás. Poeta e ensaísta. Professor Emérito da PUC-Rio e da Universidade Federal de Goiás. Professor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Ceará e da PUC de Goiás. Professor Colaborador no Programa do Mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária da PUC de Goiás. Reside no Rio de Janeiro há 40 anos. Lecionou no Uruguai e nas universidades de Portugal (Lisboa), França (Rennes e Nantes), Estados Unidos (Chicago) e Espanha (Salamanca). Conferencista em várias universidades, nacionais e estrangeiras. Sua poesia está reunida em *Hora aberta* (5.^a ed.); entre seus livros de crítica, destacam-se *Drummond, estilística da repetição* (4.^a ed.) e *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro* (20.^a ed.). Em 2006, saiu em sua homenagem o livro *A Plumagem dos nomes: Gilberto, 50 anos de literatura*, Org. de Eliane Vasconcellos. Entre seus prêmios se destacam o “Machado de Assis”, da ABL; e o “Juca Pato”, da União Brasileira de Escritores, de São Paulo.

^{*} A sair em *Brumas do silêncio*.

Aposiopese

Por baixo do silêncio mais comum e eloquente,
no inexpressivo corpo revestido de palavras,
haverá sempre a angústia do grito silencioso
e o gosto perfumado das brumas do silêncio
que tateio taciturno e libertino nas altas horas.

No entanto, vem também o silêncio longínquo,
de dentro, do segredo, da autocensura,
do implícito sigilo ao sossego mais ruidoso,
da privação do não dizer, do calar e do mentir
sobre a força do enigma no recôndito da vida.

(A areia ruidosa... no mais íntimo deserto
uma luz do silêncio cantará nas conchas).

O lutador

E claro, poeta, que é preciso lutar com as palavras,
mas lutar também com os surdos e os absurdos.
Lutar com a língua, com a fala, a gramática
os acentos, a retórica, a estilística, a ética
e a falta de, a fácil, a falsa inspiração.

É preciso lutar com as namoradas, o casamento,
o trabalho, a leitura (dele e dos outros),
os parentes, os amigos, os inimigos,
os colegas, os editores e os críticos.

O poeta tem de lutar contra si mesmo
contra a preguiça, o tédio e a repetição
e sobretudo tem de lutar contra a sábia
hipocrisia dos teólogos improvisados.

Só não tem de lutar com a eternidade:
ela vem chegando de mansinho
acende mais e mais a sua fé
e em meio a tanta luta e labuta,
se insinua leve e absoluta
como (como mesmo) um biscoito de araruta.

Sujeito Lírico

Eu, animal de gula e fantasia,
eu raramente invoco a minha musa,
dessas de carne e de osso e bem real,
cuidando de levá-la para o centro
do poema; depois parti-la em sílabas,
vendo-a no mar, no céu, nalguma trilha
que não desperta inveja dos possíveis
leitores de olho grande, qualquer forma
de atropelar o nível de alegria
que se percebe sempre nos meus versos.

Com a musa por perto fica fácil
rascunhar um soneto e na gaveta
deixá-lo adormecer, acostumando-o
à patina do amor na eternidade.

Sujeito lírico

Eu, animal de gula e fantasia,
eu raramente invoco a minha musa,
dessas de carne e de osso e bem real,
cuidando de levá-la para o centro
do poema, depois parti-la em sílabas,
vendo-a no mar, no céu, nalguma trilha
que não desperte inveja dos possíveis
leitores de olho grande, qualquer forma
de atropelar o nível de alegria
que se percebe sempre nos meus versos.

Com a musa por perto fica fácil
rascunhar um soneto e na gaveta
deixá-lo adormecer, acostumando-o
à patina do amor na eternidade.

[A ^{meu} sala Brumas do Silêncio]

— Gilberto M. Tels

Frutas do cerrado

Um ser estranho – bicho? homem?
tipo talvez de lobisomem,
sai de manhã catando frutas
pelas planícies, pelas grutas.

Na terra seca do cerrado,
vai andando, meio curvado,
os braços longos, cabeludo,
conhece a terra e sabe tudo,
sabe o código do sertão
mesmo andando na contramão
ou de lado, ser esquisito
com cheiro de onça ou de cabrito,
nunca deixa rastros e engole
todas as cascas, mas o mole
deixa para os seres pequenos
que rastejam pelos terrenos,
ratos, besouros, lagartixas,
aqueles que vivem sem rixas
e vai também deixando juntas
as frutas mais doces, as muitas
tipo caju, mama-cadela,
araticum, ingá, marmela-
da de cachorro, gabirola
(e até palmito de gueroba),
murici, guapeva, araçá
e mais jatobá, gravatá,
o belo da jabuticaba,
o doce cheiro da mangaba,
o fulvo sol do pequi
(nesta saudade daqui),

tudo o que o homem aprecia
e vai comendo na poesia.

— Ali vai ele, abaixa e ajunta,
e não responde nem pergunta:
o ser estranho, vai curvado
pela fartura do cerrado.

Poemas

IACYR ANDERSON FREITAS

Nasceu em Patrocínio do Muriaé (MG) em 1963. Publicou mais de vinte livros de poesia, além de três de ensaio literário e do volume de contos *Trinca dos traídos*, editado em 2003 e agraciado com a Menção Especial da 46.^a edição do Prêmio Literário *Casa de las Américas* (em Cuba). Sua obra já foi traduzida para diversas línguas, obtendo uma vintena de premiações literárias no Brasil e no Exterior, tendo sido divulgada em livros e periódicos de muitos países: Argentina, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Malta, Peru, Portugal, Suíça e Venezuela. De seu vasto percurso poético, podemos destacar os livros: *A soleira e o século* (2002), *Quaradouro* (2007), *Primeiras letras* (2007), *Viavária* (2010 – detentor do I.º lugar no Prêmio Literário Nacional do PEN Clube do Brasil) e *Ar de arestas* (2013), bem como a antologia poética *Terra além mar* (2005), publicada em Portugal.

Menos um dia

cruzei a soleira do sono
escada abaixo

de pesadelo em pesadelo

como se tivesse
um ninho de serpes
no travesseiro

urinei de hora em hora

até que a bigorna em fogo
da aurora
bateu forte no meu rosto

acordei com raiva dos santos
e das sete virtudes teologais

não tomei café não comi um pedaço sequer
de pão

fui direto para o trabalho

para ascender mais um dia
ao calvário

de nenhum
calendário

Registro

um homem amou este final de tarde

– e disso não ficará registro

nem mesmo da fornalha de março
queimando-se em espiga
no terceiro dia de abril

da luz de março
em pleno abril

de sua pústula de mil passantes
a cada esquina

um homem amou
este final de tarde
sem esperanças

deitado em seu quarto
ouvindo crescer o caule
das pitangueiras
a arcada crispada de raízes
os tubérculos últimos

ali onde a brisa nas folhas
pede abrigo

onde a tarde grita

que toda brisa
deriva

do paraíso

Chave

vê como o próprio dia
é despedida

como se esgota o parto
de cada segundo
como é cruel
a agonia das cigarras o tiritar da noite
nas cisternas
os séculos de sementeiras
que ficaram por crescer

vê como a vida ferve no lodo
como o mangue ferve
nos esgotos como a própria gênese
se faz
entre panos podres
virações vazadas
de inservíveis auroras

como é suja
a vida

e como todas as coisas
preparam o cortejo
de tua

despedida

Na morte de Sergio Klein

Então me deixe sorver este luto,
gota a gota, até que nada reste
nas taças do antigo afeto, se escuto,
agora, tua voz entre os ciprestes.

Está distante: não ouço o que diz
a mesma voz que, alguns meses antes,
brilhava ao telefone. Por um triz,
o destino quis que essa voz não cante.

Nada posso fazer contra o destino.
Curvo os joelhos. Oro. Obedeço.
Enfim, até mesmo esse sol a pino,
esse belo dia azul tem seu preço.